



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12381 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVI Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd Nordeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas

FORMAÇÃO DE PROFESSORES E RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Carla Daiane Saraiva - UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Francisco Canindé da Silva - UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

FORMAÇÃO DE PROFESSORES E RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Introdução

A proposição desse texto se desenvolve no entrecruzamento das reflexões tecidas durante a disciplina Movimentos Sociais, Direitos Culturais e Educativos e Democratização da Sociedade, ofertada em caráter especial pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PROPED), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), ministrada pelas professoras Jane Paiva e Ana Karina Brenner, relacionadas as questões do movimento feminista e de nossas experiências enquanto professores na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A questão problematizadora que orienta o trabalho tem sido de que maneira as práticas político-pedagógicas de professores da EJA podem contribuir para a emancipação de estudantes - mulheres – da modalidade interditadas do direito à educação pelos seus companheiros?

Trata-se de um relato de experiência do ser professor/professora na Educação de Jovens e Adultos evidenciando práticas docentes emancipatórias desenvolvidas com estudantes da EJA no Programa de Alfabetização de adultos RN Caminhando, uma vez que as reflexões construídas durante a disciplina evocaram nossas lembranças, exigindo de nós esse processo de escrita recursiva.

O relato de experiência está inserido no campo da memória, quer seja individual ou coletiva. Compreendemos com Halbwachs (2004) que a memória de uma pessoa, ainda que seja uma experiência exclusivamente individual, se constitui na relação com o outro, são influenciadas por experiências coletivas. Demonstra o seu lugar de fala, suas raízes e as experiências que as constitui. Para o autor, as nossas lembranças pessoais são inteiramente nossas e estão inteiramente em nós.

Por se tratarem de memórias que contribuíram para nossa implicação com as questões do machismo estrutural que permeia a sociedade moderna, mais ainda a EJA, é que nossas lembranças foram evocadas por meio dos diálogos estabelecidos durante a disciplina, mais especificamente, da discussão em que estivemos como leitores guia debatendo o texto: *A potência dos feminismos na luta contra a Razão Neoliberal na América Latina: uma entrevista com Verónica Gago* no entrelaçamento com o filme *Absorvendo Tabu*.

As discussões na disciplina que nos ajudaram na costura desse texto ocorreram entre os meses de março a julho de 2021 via aplicativo Google Meet. Como os encontros foram gravados e disponibilizados posteriormente, no drive da disciplina, pudemos praticar a recursividade que, de acordo com Silva (2016), é enredada por elementos anteriores que são reconstruídos de acordo com a intencionalidade de quem rememora.

Em Vilaça e Freitas (2020) encontramos os fundamentos teóricos-epistemológicos que sustentam a discussão das relações de gênero em busca da ideia de construção de equidade e de emancipação da mulher na sociedade. Em Alves (2015) e Ferraço (2008), encontrou-se os fundamentos teóricos-epistemológicos para a discussão da formação docente a partir dos *saberes-fazer* tecidos nos cotidianos e em Halbwachs (2004), os elementos necessários à discussão sobre o relato de experiência.

A breve narrativa apresenta questões importantes para a tessitura desse trabalho no que diz respeito ao machismo estrutural ainda impregnado em nossa sociedade e sobre nosso processo de formação enquanto professores/pesquisadores comprometidos na/com a EJA. É, portanto, um pequeno recorte de uma experiência muito maior que compõe nossa trajetória acadêmica e profissional. Refletimos sobre os caminhos que trilhamos em nossa formação e fazer pedagógico aliado ao diálogo com as questões de emancipação da mulher.

Desenvolvimento

Vários episódios de nossa formação e de nossa experiência como professores contribuíram para que esse escrito tomasse forma. Assumimos a sala de EJA pela primeira vez sem a formação oficial - acadêmica -, possuindo apenas o Ensino Médio, sendo esse o requisito mínimo para atuar no Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos, RN Caminhando.

Consideramos pertinente acrescentar a este relato que, o fato de não possuímos a

formação específica para atuar com o público da EJA – diverso e singular ao mesmo tempo, portanto, complexo - nos impossibilitou refletir de maneira mais aprofundada sobre muitas questões que permeavam a sala de aula, dentre elas, a interdição do direito à educação que duas estudantes que ocupavam aquele *espaçotempo* sofreram pelos seus companheiros. Tendo, essa reflexão, se tornado possível só agora com as discussões na disciplina ofertada pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UERJ.

Nesse sentido, e como já está presente em nossa fala inicial, é fundamental que os profissionais que atuam com o público da EJA tenham uma boa formação teórica-prática-teórica de modo a contribuir com a emancipação dos sujeitos atendidos, antes excluídos da escola. Contudo, cabe acentuar que estamos interpretando essa entrada no Programa de alfabetização de jovens e adultos RN Caminhando como o início de nossa formação profissional e construção de nossa identidade como docentes, pois aprendemos de Alves (2015, p. 65) que a formação de professores se dá em múltiplos contextos: da formação acadêmica; da ação política do Estado; da prática pedagógica cotidiana; da prática política coletiva; das pesquisas em educação.

Quando pensamos/vivemos a formação de professores, não podemos ignorar o conhecimento que emerge nos/dos contextos cotidianos, em que cada educador e educadora está inserido, tece e por ele é tecido. (OLIVEIRA, 2008, p. 44).

Na costura desse relato, foi interessante perceber que, até então, não percebíamos que esse momento tão singular se constituiu como início de nossa formação enquanto profissionais docentes e implicação com a EJA. Portanto, esse processo recursivo foi uma oportunidade de (re)significar que nosso caminhar formativo e implicações com as questões de gênero se fez anterior à formação oficial. Foi nos vendo passar que nos enxergamos no processo, no movimento *autoformativo*. Cabe salientar que a autoformação é entendida por Oliveira (2008) como um momento de reflexão, seja como formação continuada, através da interação com colegas, obras e autores da área ou de cursos formais de atualização e da própria rede de relações que é tecida no cotidiano dos sujeitos.

Tendo dito isso, avançamos no diálogo sobre a questão da interdição do direito à educação a que muitas mulheres são submetidas diariamente por várias questões: condições financeiras, para assumirem a maternidade, necessidade de trabalhar, mas não somente isso. Consideramos de extrema importância que os profissionais docentes busquem entender quais os reais motivos que levaram seus estudantes, especialmente mulheres, que frequentam a EJA a interromperem sua trajetória estudantil, pois somente assim, poderão assumir práticas-pedagógicas capazes de garantir o seu retorno e/ou permanência na modalidade.

Sobre isso, Valle (2010, p. 36) ressalta que:

[...] as mulheres são historicamente excluídas da escola não só pela necessidade de trabalhar, pelas condições financeiras ou indisponibilidade de vagas, ou ainda pelo insucesso na escola, mas também por razões culturais referenciadas nas relações de gênero: “mulher não precisa estudar”.

Historicamente, as mulheres foram marginalizadas socialmente, tendo seus corpos e

direitos sociais expropriados pelo capitalismo, colonialismo e patriarcado, os três principais modos de dominação da sociedade moderna (VILAÇA e FREITAS, 2020). Apesar de compreender que esses três pilares atuam em conjunção, nesse relato, evidenciamos as ações do patriarcado sobre a vida das estudantes da EJA.

Questionadas sobre as motivações que as levaram ao abandono das aulas ofertadas pelo programa RN Caminhando, isso já em meados do ano - mês de junho de 2014 -, obtivemos como respostas: o não gostar tanto de estudar, o cuidar de algum familiar, a necessidade de trabalhar e muito timidamente duas dessas estudantes responderam o casamento. Numa conversa muito informal com elas, uma citou que casou e “*o meu marido não aceita mais que eu venha para as aulas*”.

Especificamente na educação brasileira a inserção das mulheres na educação tem seu início no período imperial. Segundo Vilaça e Freitas (2020), durante séculos as mulheres estiveram submetidas à estrutura patriarcal e isso só começou a mudar no século XIX, quando a educação feminina começou a ser associada à modernização da sociedade – atendendo aos imperativos do sistema capitalista - e à higienização da família.

Mesmo essa mudança no século XIX não garantiu uma participação efetiva das mulheres no sistema educacional, sendo recente sua incorporação. Nos últimos trinta anos que a mulher vem se beneficiando da lenta expansão e democratização do acesso à escola. Observamos, nas falas das estudantes da EJA, o quanto de violência patriarcal elas ainda sofrem/enfrentam por algumas razões que podem ser percebidas em Vilaça e Freitas (2020) tais como: o disciplinamento que se enlaça com a falta de autonomia econômica, ou seja, as mulheres dependem financeiramente dos seus cônjuges e por isso se submetem; a violência da exploração que se traduz no lar dentre outras.

Mediante a realidade que se apresentou para nós, ainda que sem muito conhecimento teórico – na época -, buscamos, através de práticas pedagógicas cotidianas construir reflexões críticas junto as estudantes com vistas a superação da situação de expropriação desses corpos femininos pelo patriarcado. As rodas de conversas se constituíram como o principal meio para que o diálogo se tornasse possível.

Problematizar, dentro das rodas de conversas, as questões de gênero no *espaçotempo* em que estávamos inseridos fez-se primordial à vida das estudantes da EJA. Ao proporcionar uma conscientização, nos termos de Freire (2016), sobre as atitudes existentes na sociedade patriarcal tais como: é o homem quem deve sustentar a família? cabe à mulher assumir sozinha as tarefas domésticas? é responsabilidade unicamente da mulher cuidar dos filhos? é que fomos construindo reflexões outras, no dizer de Mignolo (2017) - opções descoloniais - para além desses discursos sexistas buscando avançar em relação a equidade de gênero e a emancipação das estudantes do programa de alfabetização na EJA.

Vilaça e Freitas (2020) nos ajudou nesse sentido ao afirmar que a particularidade do gênero ancorada no patriarcado e nas relações de poder, especificam comportamentos, modos

de ser e agir que definem papéis arbitrários ao masculino e ao feminino, e essas diferenças acabam por hierarquizar e diferenciar as posições ocupadas em diferentes contextos, sempre colocando o feminino em desvantagem em relação ao masculino. Portanto, é necessário, que dentro de nossos *espaçostempos* de construção de *saberesfazeres* (ALVES, 2015) sacolejemos com ousadia essas estruturas que estão postas e que acabam por determinar muito de quem e do que somos.

Cabe salientar nesse escrito que, enquanto profissionais docentes inexperientes, desprovidos da formação inicial e de uma referência teórica que nos orientasse, buscamos agir diante dessa realidade tão complexa dentro das possibilidades que nos cabiam no contexto em que nos encontrávamos. Dizemos isso, para acentuar o quão importante e necessário é que, os professores que adentram a modalidade da EJA estejam bem preparados para lidar com a complexidade das questões que permeiam a Educação para sujeitos Jovens, Adultos e Idosos.

Mais ainda, considerar como orientadores de suas práticas pedagógicas, as situações e desafios que emergem dos cotidianos, pois aprendemos com Oliveira (2008, p. 44) que:

“A vida cotidiana se revela local privilegiado de contradições em que emergem traços contra-hegemônicos que também constituem e (re)definem a realidade, as possibilidades de sua interpretação e as alternativas para uma intervenção.”

Lançamos mão de Alves (2015, p. 71) para dizer que é preciso que o que se passa no interior dos *espaçostempos* da construção de saberes “[...] seja desvendando e revelado para que o movimento possível seja mais bem dirigido pelo conjunto dos interessados.”

Conclusões

Seguimos para algumas ideias (in)conclusivas acerca de *formação docente, gênero e EJA* respeitando os limites que configuram o espaço de um resumo e sem a pretensão de esgotar uma temática tão complexa.

A relação que fazemos entre as memórias de formação, Educação de Jovens, Adultos e Idosos e as relações de gênero faz parte de nosso percurso como educadores. A relevância desse escrito se dá em problematizar junto a formação docente para atuar na EJA, as expropriações que o corpo feminino sofre em virtude do patriarcado que se estruturou na sociedade moderna em conjunção ao capitalismo e o colonialismo.

Do que foi possível compreendemos com esse estudo, evidenciamos a importância de formação inicial e continuada para atuar com a modalidade educativa da EJA, considerando a diversidade que a permeia. Para que as práticas político-pedagógicas sejam mais bem orientadas, é indispensável que se reconheça e trate as realidades, que se respeite as diferenças enquanto reconhece a unicidade.

Referências

- ALVES, Nilda. **Praticantes pensantes de cotidianos**. Organização e Introdução Alexandra Garcia, Inês Barbosa de Oliveira. – 1 ed. – Belo Horizonte: Autêntica editora, 2015. 230 p.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo. **Cotidiano escolar, formação de professores(as) e currículo** / Carlos Eduardo Ferraço (organizador). – 2ed. – São Paulo: Cortez, 2008. 175 p. 43 – 67 p.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização**. Tradução de Thiago José Risi Leme. - São Paulo: Cortez, 2016.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Laís Teles Benoir. – São Paulo: Centauro, 2004. 197 p.
- MORAIS, Jacqueline de Fátima dos Santos; ARAÚJO, Mairce da Silva. Memórias e escritas de si: as narrativas (auto) biográficas como processo formativo In: PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal (org.), **Experiências e narrativas em educação**. Rio de Janeiro: Eduff, 2017, p. 211-232.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa de Oliveira. Criação curricular, autoformação e formação continuada no cotidiano escolar. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo. **Cotidiano escolar, formação de professores(as) e currículo**. Carlos Eduardo Ferraço (organizador). – 2 ed. – São Paulo: Cortez, 2008.
- VILAÇA, Mônica. FREITAS, Bárbara. A potência dos feminismos na luta contra a razão neoliberal na América Latina; uma entrevista com Verônica Gago. **Revista de Ciências Sociais**, nº 52, Janeiro/Junho de 2020. p. 231-245